

**O BEM-AMADO: UM ENSAIO SOBRE O JOGO DE PODER NA POLÍTICA  
BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA À LUZ DA LITERATURA**

**THE BELOVED: AN ESSAY ON THE POWER PLAY IN CONTEMPORARY  
BRAZILIAN POLITICS IN THE LIGHT OF LITERATURE**

**JOÃO VICTOR SANTOS SALGE<sup>1</sup>**  
**MARA CRISTINA PIOLLA HILLESHEIM<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Este artigo objetiva evidenciar o poder como sendo um fenômeno social ambivalente: pode beneficiar à sociedade ou prejudicá-la; pode proporcionar a justiça ou deturpá-la; pode ser incorruptivo ou corrupto. Engano é pensar que todo produto desse fenômeno seja progresso social. Foi na fictícia Sucupira, que Dias Gomes, em forma de narrativa teatral, apresentou o ambiente corrupto e injusto, fomentado pelo prefeito Odorico, *o bem-amado*. É nesse contexto que surge uma inter-relação conflituosa entre o irreverente político, convicto a construir o cemitério municipal, e a classe dominada pela corrupção. A realidade negativa, propagada em Sucupira, é mascarada pelo otimismo racionalizante de Odorico, que defende a normalidade da existência de dramas sociais. Apesar de reconhecer os trágicos problemas da sociedade, provenientes do seu mandato, o prefeito busca alternativa prometendo *soluções mágicas* para sanear a situação que cerca o povo. Tal estratégia promove alienação popular, a fim de adiar soluções urgentes, transferindo a solução dos conflitos sociais para um futuro indeterminado. A apreciação desse cenário conduz à conclusão de que a corrupção pressupõe ardiloso processo hegemônico

---

<sup>1</sup> Graduando do 5º período do curso de Direito da Universidade de Uberaba (Uniube); Aluno monitor de Direito Constitucional do Programa Institucional de Monitoria de Ensino – (PIME); Pesquisador pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), cuja pesquisa apresenta ênfase no seguinte tópico: A Hegemonia Cultural na sociedade brasileira contemporânea. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5636456605710488>. E-mail: [jvss\\_salge@hotmail.com](mailto:jvss_salge@hotmail.com);

<sup>2</sup> Graduada em Licenciatura em Letras Anglo Portuguesas pela Fundação Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Cornélio Procópio (1987); graduada em Direito pela Universidade Estadual de Londrina (1997) e mestre em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia; Professora titular da Universidade de Uberaba (Uniube) de Linguagem Jurídica, Argumentação Jurídica, Direito das Coisas, Metodologia da Pesquisa em Direito. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1542856286697810>. E-mail: [mcpiolla@gmail.com](mailto:mcpiolla@gmail.com).

cultural. Introjeta-se a conquista do poder de forma consensual e popular, cuja liderança política e ideológica é exercida por representantes de uma classe. Estimula-se o anseio pelo fantasioso e ilusório mundo, gerando a impressão de que aquele candidato, *repleto* de propriedades únicas, será a solução para erradicar os problemas sociais. Em generalidade, levada às cegas, a população reproduz aquilo que lhe foi idealizado e defende a verdade implantada nas urnas. O resultado é um governo fundamentado em interesses individualistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** poder; justiça; corrupção; hegemonia cultural; subversividade.

**ABSTRACT:** This article aims to highlight the power as an ambivalent social phenomenon, can benefit society or harm her; can provide justice or misrepresent it; can be incorruptive or corrupt. Mistake is to think that every product of this phenomenon is social progress. It was in the fictional Sucupira, that Dias Gomes, in the form of theatrical narrative, presented the corrupt and unfair environment, fostered by the mayor Odorico, *the beloved*. It is in this context that an adversarial inter-relationship between political irreverent, convinced to build the municipal cemetery, and the class dominated by corruption. The negative reality, propagated in Sucupira, is masked by the rationalist optimism Odorico, defending the normality of the existence of social dramas. While acknowledging the tragic problems of society, from the office, the alternative search mayor promising *magical solutions* to resolve the situation surrounding the people. This strategy promotes popular alienation, in order to postpone urgent solutions by transferring the solution of social conflicts to an indefinite future. The assessment of this scenario leads to the conclusion that corruption involves wily cultural hegemonic process. Introjects to power the achievement of consensus and popular form, whose political and ideological leadership is exercised by representatives of a class. It stimulates the craving for fanciful and illusory world, creating the impression that that candidate, *full* of unique properties, will be the solution to eradicate social problems. In general, brought to the blind, the population reproduces what was idealized him and defends the truth implanted in the polls. The result is a reasoned government individualist interests.

**KEYWORDS:** power; justice; corruption; cultural hegemony; subversividade.

## 1 INTRODUÇÃO: A ESQUADRINHADURA DE UMA GUERRA CIVILIZADA

No que diz respeito à não ter nenhum poder sobre os acontecimentos e as pessoas, vigora certo consenso em que o ser humano se sente impotente, ficando consternado. Afinal, não há dúvidas que ninguém deseja menos poder; pelo contrário, todos querem

mais. Como escreveu o diplomata renascentista, Maquiavel (1532, *apud* Greene, 2001, p. 9):

O homem que tenta ser bom o tempo todo está fadado à ruína entre inúmeros outros que não são bons. Por conseguinte, o príncipe que deseja manter a sua autoridade deve aprender a não ser bom, e usar esse conhecimento, ou abster-se de usá-lo, segundo a necessidade.

Na mesma linha, Russell (1977, p. 20), reconhece que o ser humano não pode ser feliz sem poder, sem competição, porque isso tem sido desde a origem do homem, o impulso para o progresso, o principal instrumento para a realização de atividades sérias. O anseio pelo poder introduz no inconsciente popular, interesses que lhe são estranhos, disseminando o servilismo e alienando pessoas. Aderir ao poder é uma opção moderna para dominar pacificamente a sociedade, e subordinar *mansamente* o povo.

Etienne La Boétie, um autor do século XVI, escreveu em sua obra *Discurso da Servidão Voluntária*, no ano de 1574, sua inconformidade ao ver o povo entregar o seu potencial de exercer os seus direitos e liberdade aos poderosos. A seu ver, é lamentável a convivência, a omissão e a tolerância do povo que adere a políticos espertalhões, hipotecando-lhes apoio, favorecendo as tiranias políticas e econômicas que fortalecem seu poder que o esmaga. (Arduini, 2002, p. 75-76).

Uma pessoa que acredita que o tempo possa ser o remédio possível para abolir essa *guerra civilizada* deve pensar seriamente no problema de satisfazer ao instinto que herdou das sucessivas gerações em busca de poder. O pensamento a ser considerado é a compreensão que, não é necessário que se extinga esse anseio, mas apenas vigiar e cuidar para que essa demanda não assuma formas prejudiciais, capaz de adulterar a justiça e desenvolver representantes corruptos.

A presente pesquisa faz um esquadrinhamento da análise de temas abordados pelo escritor Dias Gomes, em sua obra teatral, *O bem-amado*, tais como a justiça, o poder e a corrupção. Será examinado, neste artigo de cunho bibliográfico, o jogo político, um jogo interminável que exige vigilância constante, bem como o jogo de poder e seus mecanismos que operam na sociedade contemporânea brasileira. Este artigo, portanto,

fundamenta-se em bibliografia escolhida para analisar a proposta temática, não se desprendendo do estudo da obra *O bem-amado*, de Dias Gomes, condutora principal deste artigo.

## 2 CENÁRIO HISTÓRICO

Foi no ambiente da pequena cidade fictícia do litoral baiano, Sucupira, que o romancista e dramaturgo brasileiro, Dias Gomes, relatou, em forma de narrativa teatral, a história que se finda em tragédia, do Coronel Odorico Paraguaçu, um ativista que, fervorosamente, ao discursar aos seus conterrâneos sobre uma terrível deficiência municipal, ultrajou os princípios morais e éticos, quando expôs, sem escrúpulos, a conduta administrativa do então prefeito, com a finalidade de conquistar eleitores fiéis para a próxima eleição a prefeito de Sucupira.

Sucupira era considerada o *orgulho do estado baiano*, pela beleza de suas paisagens e seu clima privilegiado, além de seus recursos naturais incomparáveis com o restante dos municípios do estado. Todavia, a cidade litorânea não possuía um cemitério onde enterrar seus mortos; em consequência desse fato, os cidadãos sucupiranos tinham que caminhar três léguas<sup>3</sup> para outra cidade, a fim de enterrar os seus defuntos. Alegando a ineficácia da administração pública, Odorico faz uso de um discurso político, persuasivo, utilizando-se de *verdades* que são apresentadas, neste movimento de divulgação, como *irrefutáveis*, com o objetivo de convencer, por meio de promessa que, se eleito, construiria o cemitério municipal. Populares são atraídos pelo discurso de Odorico e isso, no futuro, garante a ele o tão almejado cargo público. (Citelli, 2007, p. 85)

Após o resultado das eleições, apontado como vencedor do pleito, Odorico investido no cargo de prefeito, mostra-se convicto e, incontinenti, sujeitou-se a agir de todas as formas necessárias para realizar a promessa feita durante a campanha ao eleitorado. Assim, sua meta prioritária, na administração pública, tratava da construção do cemitério local. Não obstante, Odorico foi pego de surpresa, ao se deparar com um

---

<sup>3</sup> Medida itinerária equivalente a cerca de seis quilômetros (LUFT, Celso Pedro, 2009)

alto déficit financeiro na administração, herdado do mandato anterior, o que, de fato, dificultou o alcance do objetivo para o cumprimento da promessa. Restava-lhe uma reserva financeira, pouco recurso encontrado no cofre municipal, a princípio verbas públicas direcionadas para obras de emergência – problemas com o sistema de energia elétrica da cidade, o conserto na rede hídrica urbana – todavia, o prefeito Odorico não hesitou em desviar as verbas para a construção do cemitério que, a seu ver, era uma obra de extrema urgência para aquele município.

O mandato do prefeito sofreu forte pressão da oposição midiática dos apartidários, mas também teve os adeptos ao mandato de Odorico. Em toda a história da humanidade, sempre houve a formação de grupos aliados, e grupos opositores, que se mantinham em torno de uma pessoa no poder. Tal duplicidade assemelha-se à dinâmica do jogo de poder que existia no mundo na antiga corte aristocrática. O cortesão aprendia a agir de forma indireta e cautelosa, para ser bem-sucedido, *apunhalava o inimigo pelas costas*, em vez de trair explicitamente, isto é, por meio do charme, da sedução e da habilidade de fraudar, o cortesão conquistava os seus objetivos. Assim era vida na corte, um jogo interminável que exigia vigilância constante. Era uma guerra civilizada. (Greene, 2001, p. 19)

Tal oposição midiática apartidária é representada pela figura de Neco Pedreira, a princípio, proprietário frustrado da gazeta *A trombeta*, em virtude de seu empreendimento residir em uma cidade que, em suas palavras, era considerada atrasada, pelo fato de não existirem crimes, desastres, roubos, onde nem mesmo as mulheres traem os maridos para que possa a imprensa ter momentos de sensacionalismo.

Contudo, há uma reviravolta benevolente para a gazeta, após a posse de Odorico como prefeito, o que ocasionou a manifestação de um movimento subversivo que buscava, aparentemente, intrigar a opinião pública e criar problemas à administração. Por efeito disso, o Coronel, passa a ser visto como um demagogo esbanjador de dinheiro público, incapaz de cumprir com os deveres e necessidades fundamentais do município, dentre as quais se encontra a educação que, devido a cortes financeiros, sofreu grave

retrocesso, não tendo condições de pagar os docentes e nem mesmo comprar material escolar essencial para o desenvolvimento do trabalho da docência.

Dias Gomes continua a história contando as peripécias do atormentado Odorico em sua busca pela inauguração do cemitério. Foram vãs as tentativas do prefeito, visto que seria uma desmoralização inaugurar tal empreendimento sem mesmo um defunto. Havia um ano que não falecia nenhum cidadão sucupirano e, em consequência disso, a população insatisfeita com a conjuntura política, juntamente com a câmara municipal, preparavam-se para a realização do impeachment.

Descreve, ainda, sua deliberação em nomear um cangaceiro com antecedentes criminais para assumir o cargo de delegado, com a interna expectativa de que seria Zeca Diabo – o terror do nordeste, assassino de mais de trezentos defuntos – o salvador e solucionador do impasse de Odorico. Todavia, o que na realidade, ocorreu foi uma situação totalmente contrária a sua intenção e o feitiço virou contra o feiticeiro. Em virtude disso, Odorico Paraguaçu teve a grande honra de inaugurar o seu tão almejado cemitério, sendo o próprio, o defunto a ser velado.

Neco – Só tu, Odorico, mais ninguém, podias merecer a subida honra de inaugurar este campo santo, que foi a grande obra do seu governo, o grande sonho de sua vida, afinal realizado! Adeus, Odorico, o Grande, o Pacificador, o Desbravador, o Honesto, o Bravo, o Leal, o Magnífico, o Bem-amado. (Gomes, 2014, p. 119).

Com o propósito de compreender a situação adversa como fato decorrente do falecimento do protagonista de Dias Gomes, é importante observar que, apesar do prefeito consagrar a responsabilidade da segurança, do exercício da justiça ao Zeca Diabo, tal responsabilização restringiu-se às ofensas proferidas por Odorico, à honra do delegado. Indignado pela insurgência e insubmissão do ex-cangaceiro, o Coronel decide demiti-lo de sua função, bem como ameaçá-lo de ir para prisão devido ao seu *passado sombrio*. Portanto, ensejou-se uma acalorada discussão, o que culminou no afastamento de Zeca, por breve período de tempo, no decorrer da narrativa.

Posteriormente, no penúltimo quadro da obra de Dias Gomes, o escritor traz o retorno de um conturbado Zeca Diabo, disposto a fazer justiça com as próprias mãos, como era de hábito no passado. O autor também descreve um Odorico abandonado por

todos, após suas falcatruas, entre outras atitudes ilícitas serem descobertas. Gomes apresenta, sarcasticamente, as consequências das diversas ações ilegais do prefeito, traçando uma outra versão de Odorico, que outrora demonstrava ser um estratégico político que, devido as suas prerrogativas, conseguiu chegar ao poder, entretanto, ao findar a história, apresenta-se como um homem desapontado ao não ter arquitetado em seu plano de governo, os malefícios da corrupção.

As injúrias do prefeito, em relação ao delegado, serviram como *gatilho* para despertar e trazer o homem sanguinário, o *velho cangaceiro*, à tona. Extremamente desolado, o agente (Zeca Diabo) comete o crime de homicídio, impelido sob o domínio de violenta emoção, logo em seguida da injusta provocação da vítima (ofensa sem justificativa razoável de Odorico), ou seja, a capacidade de autodeterminação do autor do delito foi diminuída em razão de ter sido injustamente ofendido, provocando, assim, a morte do Coronel protagonista.

À guisa de conclusão seria possível apresentar uma continuação desta literatura, derivada do comentário de Neco Pedreira, proprietário da gazeta que, na peroração da narrativa, alude ao destino final do personagem mais importante da peça teatral, - o coronel Odorico - o que inclusive complementa o sentido do título da obra. Nessa última fala do personagem Neco Pedreira, verifica-se, um aspecto sarcástico ao elogiar o seu próprio inimigo. Uma singela atitude de enobrecer o falecido prefeito que poderia gerar repercussões em todo o município de Sucupira, acarretando, possivelmente, dissabores àqueles que, de fato, conheciam sua relação problemática com Odorico, mas também vantagens diante dos leigos, para uma possível candidatura.

Tal possibilidade é admitida, visto que o mundo tornou-se vítima de credos políticos dogmáticos, dos quais, na atualidade, o mais poderoso é o capitalismo. Esse dogma proporciona oportunidades de iniciativa a poucos, além de uma espécie servil de segurança pessoal (Russell, 1977, p. 106). Além disso, como foi dito no tópico anterior, ninguém quer menos poder, todos querem mais, e os poderosos têm acreditado que sua felicidade pode ser conquistada por meios que impliquem a imposição de infelicidade a

outros. Homens vigorosos têm adorado mais o poder do que a felicidade e as amizades singelas, e fazem de pequenas oportunidades, o meio ideal para a sua ascensão.

### 3 O DISCURSO POLÍTICO

“Quando o cidadão se torna príncipe de sua pátria, com o favor dos outros cidadãos, ascende com o favor do povo e com o dos poderosos” (Maquiavel, 2010, p. 60).

Alegando a ineficácia da administração pública, expondo sem escrúpulos a conjuntura política de Sucupira, Odorico utilizou-se de um discurso político, persuasivo, atraindo para si militantes, que aderindo às mensagens enunciadas em seu momento de divulgação, lhe garantiram o tão almejado cargo público.

O elemento persuasivo é colocado ao discurso, como a pele está ao corpo (Citelli, 2007, p. 55), marcando fortemente as representações de várias espécies de textos persuasivos (publicitário, jornalístico, literário etc.) e suas relações sociais. Por uma questão operacional dada pelos limites da proposta temática e não se despreendendo da literatura da obra principal deste artigo, será fixado o elemento persuasivo no discurso político e sua relação com o poder legislativo, executivo e judiciário, principalmente os representantes dos partidos políticos.

De acordo com a visão de Citelli (2007, p. 86), o discurso político compõe-se três grandes movimentos estratégicos: divulgação, adesão, justificativas/explicação. Neste tópico, serão desenvolvidos esses movimentos, que se vinculam aos discursos de Odorico, no decorrer de sua campanha.

O primeiro movimento adotado pelo candidato à prefeitura de Sucupira tratou-se da divulgação, que ocorreu no momento em que Odorico se apresentou ao público dizendo quem ele era, de onde veio, e o que pretendia realizar. Nesse sentido, utilizou-se de palavras de ordem e patrióticas, atribuídas a outros movimentos e incorporando várias referências estratégicas, a fim de ser possível apresentar os seus propósitos e objetivos.

Ao divulgar-se perante os cidadãos sucupiranos, o personagem, teve por objetivo conquistar a adesão da opinião pública, que configurou o segundo movimento

estratégico. A consequência da adesão foi atrair ativistas partidários, construindo bases de apoio para a sua candidatura. A eficácia de tal movimento ocorreu por meio da ampliação de militantes filiados, simpatizantes do partido, das propostas e, inclusive, pelo carisma do candidato.

O terceiro movimento estratégico presente no discurso político, de acordo com o que aborda Citelli (2007, p. 86), é o das justificativas/explicativas. Tal elemento é essencial para que o político prossiga seu movimento de divulgação proliferando ainda mais adesões. Odorico dirigia-se constantemente aos representantes icônicos da sociedade, ou seja, personagens como Vigário, que representa uma parcela social religiosa; Dirceu, o seu assessor, representante das famílias e do conservadorismo; Dorotéia, representante da classe docente e dos partidários feministas, entre outros. A continuidade ou aprimoramento das adesões dependia das justificativas e explicações das ações do agente político. Em contrapartida, tal elemento contribuiu também para evolução dos contra discursos do seu adversário. Entende-se a razão de Neco Pedreira, proprietário da gazeta local, utilizar-se das impropriedades da iniciativa de Odorico, bem como de suas atitudes frustradas, para expor sua ilícita conduta administrativa.

Além da vinculação dessas grandes estruturas nos discursos do personagem, é possível atribuir outras referências persuasivas. Como por exemplo, as condições de irredutibilidade, atribuições de propriedades. Isto é, o Coronel, pretendente ao cargo de prefeito de Sucupira, atribuía, em seu discurso de campanha, propriedades únicas a ele mesmo, além de apontar soluções e alternativas cabíveis para resolver o problema da ausência do cemitério local no município. O enunciador disse que faria e, nesse sentido, ninguém poderia garantir a construção de tal autarquia, somente ele.

A apresentação do caráter do enunciador é essencial para a construção e formação da opinião pública a respeito do candidato. Isso ajuda a entender um dos componentes estruturais do discurso político. De um lado, pretende-se construir o caráter positivo de quem fala e, de outro, desqualificar adversários. Em seu discurso, presente no primeiro quadro da obra, Odorico, apresenta-se como um representante ideal para o povo, em virtude de sua competência, seriedade, sua extrema preocupação com a construção do

campo-santo. Mas também, sua inconformidade na permanência do poder, do prefeito anterior, que não conseguia satisfazer o anseio de seu povo.

Odorico – Esse prefeito que ai está que fez até hoje para satisfazer o maior anseio do povo desta terra? [...] Tudo para veranistas, pessoas que vêm aqui passar um mês ou dois e voltam para suas terras, onde, com toda certeza, não falta um cemitério. Mas aqui também haverá! Aqui também haverá um cemitério! (Gomes, 2014, p. 21)

O impossível que se faz possível, torna-se regra, pela força da convicção em tom apelativo e da palavra como espetáculo, com que se proclama o discurso político. São marcas ideológicas que cumprem a função de aproximar o candidato ao público. Promessas com carga afetiva são avocadas para criar uma espécie de afinidade entre o enunciador e o destinatário. Em virtude disso, modos, razões e provas são buscados para explicar por que o impossível superpõe-se ao possível. É uma estratégia do movimento do discurso político de divulgação do candidato daquilo que utopicamente pretende executar durante o futuro mandato. (Citelli, 2007, p. 86 – 91).

Odorico – Mas eu vou fazer. Os que votaram em mim para vereador sabem que eu cumpro o que prometo. Prometi acabar com o futebol no largo da igreja e acabei. Prometi acabar com o namorismo e o sem-vergonhismo atrás do Forte e acabei. Agora prometo acabar com essa humilhação para a nossa cidade, que é ter que pedir a outro município licença para enterrar lá quem morre aqui. Eu vou cumprir. (Gomes, 2014, p. 23)

Em geral, essa fala do personagem Odorico comprova que todo candidato, no cenário político, quer, a qualquer custo, conquistar a credibilidade do eleitor e seu voto. Para tanto, atribui-se propriedades capazes de dar sustentabilidade aos projetos que apresenta durante o período eleitoral. Trata-se da fala centrada no egocentrismo profissional do *falo e faço*.

#### **4 CORRUPÇÃO, JUSTIÇA E A HEGEMONIA CULTURAL**

Um dos fatores primordiais, pelo qual se determina a extrema necessidade da reconstrução dos conceitos de justiça e poder na contemporaneidade, a fim de combater a corrupção, está explicitamente vinculado ao discurso de Odorico no primeiro quadro da obra.

Dermeval – Se ele prometer fazer o cemitério aqui em frente da venda, meu voto é dele.

Dirceu – Qual seu interesse nisso?

Dermeval – Ora, seu Dirceu, gente de velório bebe muito [...] (Gomes, 2014, p. 26)

Tal elemento trata-se do fisiologismo político descarado, no que concerne ao candidato, com o objetivo de obter adesão política do seu eleitorado, utilizar de promessas com carga afetiva para criar uma espécie de afinidade entre ele e o destinatário. Indivíduos como Dermeval, são segregados pelos representantes políticos, - em generalidade - a uma classe utilitarista, ou seja, o ser humano visto como objeto, reduzido à mercadoria podendo se barganhar, comprar e vender o seu caráter. (Russell, 1977, p. 26).

Esse procedimento – já difundido no senso comum, e adotado como o princípio básico para êxito no período eleitoral – banaliza o ser humano e faz dele o que quiser. Isso quer dizer, desmoralizá-lo, desempregá-lo, silenciá-lo, escravizá-lo, desmobilizá-lo e, principalmente, mantê-lo injustiçado. Essas são garantias para o bem estar de classes privilegiadas e favorece seus interesses ignóbeis.

As técnicas contemporâneas possibilitaram uma nova intensidade de controle governamental, e essa possibilidade tem sido explorada pelo Estado. A hegemonia cultural tem agido sorrateiramente na sociedade, utilizada, principalmente, pelos representantes políticos que almejam a estabilidade de seu poder, conquistando o consenso e o consentimento dos seus governados.

Dorotéa – O senhor sabe que pode contar comigo para tudo. Apesar... apesar de minha situação pessoal não ser também das melhores. Há seis meses que não recebo e o grupo está sem dinheiro até para comprar material escolar.

Odorico – E todo mundo acha que a culpa é do cemitério. É verdade que a receita municipal baixou um pouco: não obstante, estamos agora livres da humilhação de enterrar nossos mortos no cemitério dos outros.

Dorotéa – Acho que o senhor só tem uma saída: inaugurar o cemitério. (Gomes, 2014, p. 36)

A identidade do ser humano está sendo *corrompida* pela hegemonia. É impressionante a insensibilidade de Dorotéa, perante as medidas individualistas e

nefastas de Odorico, visto que representa a classe docente do município de Sucupira. Há conceitos tradicionais que o docente, - em seu potencial emancipatório – possui a capacidade de desenvolver uma consciência crítica, que não se deixa enganar nem manipular. Todavia, Dias Gomes apresenta em sua literatura, a ideologia da classe dominante reforçando o conformismo, reduzindo a luta das classes subalternas, desestruturando-as, impedindo-as de pensar criticamente porque suas concepções são permeadas pelo senso comum.

Os professores, apesar da sua influência na formação do indivíduo, são, de certo modo, menos poderosos que os políticos. A política do neodesenvolvimento do bloco monopolista interno procura derrotar os lutadores em confronto, do ponto de vista estratégico, para cooptá-los do ponto de vista tático (Coggiola, 2013), bloqueando a luta na defesa dos direitos, na garantia de condições de trabalho, na melhoria salarial e mobilização democrática na sociedade brasileira (Simionatto, 2014, p. 74). Os políticos atuais são mais influentes do que eram em qualquer período passado da história humana. (Russell, 1977, p. 49).

Dorotéia – [...] Os meus alunos já estão ai fora, vão acompanhar o enterro. Tive de ir à casa de um por um, porque há um mês a escola está fechada por falta de verba, como o senhor sabe.

Odorico – (Alegre.) Sei, sei. Mas agora, tudo vai mudar. Vamos esquecer os anteontem e pensar nos depois de amanhã [...] (Gomes, 2014, p. 106).

A realidade negativa, propagada pelo município de Sucupira, é mascarada pelo otimismo racionalizante de Odorico, que defende a normalidade da existência de dramas sociais. Apesar de reconhecer os trágicos problemas da sociedade, provenientes do seu mandato, o prefeito busca alternativa prometendo *soluções mágicas* para sanar a *situação catastrófica* que cerca o povo. Tal estratégia, de modo geral, elabora alienação e mistificação popular a fim de adiar soluções urgentes por meio de compromissos dilatórios, ou seja, transferir a solução de conflitos sociais para um futuro indeterminado.

Odorico – (Continuando o discurso) Botando de lado os entretantos e partindo pros finalmente, é uma alegria poder anunciar que prafrentemente vocês já poderão morrer descansados, tranquilos e desconstrangidos, na certeza de que vão ser sepultados aqui mesmo, nesta terra morna e cheirosa de Sucupira. E quem votou em mim, basta

dizer isso ao padre na hora da extrema-unção, que tem enterro e cova de graça, conforme o prometido. (Gomes, 2014, p. 18)

Como admite Lenza (2015, p. 101-102), destaca-se como mera reação simbólica às reações sociais, a demonstração da capacidade de ação do Estado no tocante à solução dos problemas sociais, utiliza-se da legislação-álibi, - mesmo que a realidade seja mascarada, - aparece como uma resposta pronta e rápida para a sociedade. Introduce uma sensação de *bem-estar* social, solucionando tensões e servindo a população, constitui uma solução ilusória, para imunizar o político desempenhador de uma função ideológica.

O inadmissível é que o sistema político sabe que há injustiça hedionda, mas não promove a transformação da sociedade. Os políticos sabem o que é preciso fazer para eliminar a desigualdade, mas não o fazem. O trágico é que o governo sabe que a corrupção deteriora a população, mas continua a ignorar as necessidades vitais do povo. Conceituados economistas, renomados educadores, pensadores convencionalmente reconhecidos como os maiores da humanidade, demonstram que é possível erradicar a hegemonia que adultera a justiça e desenvolve representantes corruptos. Mas não são ouvidos.

Na perspectiva gramsciana, a hegemonia pode (e deve) ser preparada por uma classe que lidera a constituição de um bloco histórico<sup>4</sup> que articula e dá coesão a diferentes grupos sociais em torno da criação de uma vontade coletiva. (Moraes, 2010, p. 55)

Devido a isso, é importante analisar a hegemonia implícita, contida na proposta realizada por Odorico, - em período eleitoral - da construção do cemitério local de Sucupira. De acordo com o que aborda Alves (2010, p. 78), a hegemonia não deve ser entendida como uma questão de subordinação ao grupo hegemônico; pelo contrário, ela pressupõe que se leve em conta os interesses dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida, que estabeleça uma relação de compromisso e que faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa.

---

<sup>4</sup> É a unidade entre estrutura (conjuntos das relações materiais) e superestrutura (conjuntos das relações ideológico-culturais). No seio do bloco histórico mantêm o bloco controlador (intelectuais) encarregados de elaborar e gerir a estrutura e superestrutura, economia, cultura e política.

Uma vez que, compreendido esse viés hegemônico na obra sob análise, é possível chegar à conclusão de que a tarefa ideológica de construir o cemitério local, promovida pelo coronel, ainda em período eleitoral, permaneceu em seu exercício político, pois não tratou de satisfazer uma necessidade coletiva, mas sim de uma estratégia de coesão, integração e conformismo social. Ajustam-se os interesses às massas populares e às necessidades do contínuo desenvolvimento do consenso e da direção político-ideológica, que funcionam como pré-requisitos para o candidato eleito alcançar, em toda sua potencialidade, a supremacia do seu poder político.

Odorico – Quero saber logo se há alguma verba para dar início à construção do cemitério.

Dirceu – Parece que há um restinho de verba da água

Odorico – (Anima-se) Não tem importância, um restinho com mais um restinho, já se faz um cemiteriozinho.

Dirceu – Só que esse desvio de verba...

Odorico – É para o bem do município. Tenho certeza que Deus vai aprovar tudo.

Vigário – Quem sabe?... As intenções são boas... E como Deus não é um burocrata [...] (Gomes, 2014, p. 20)

É necessário reconhecer que o ápice da hegemonia atrelado à corrupção, promove, em absoluto a distorção lógica da verdade, dos fatos concretos, dos conceitos e conhecimentos existentes. É perceptível, no fragmento literário acima, que Odorico procura silenciar, de forma eficiente, a verdade que o incomoda, manipulando a razão, a realidade fática, criando a verdade de acordo com sua vontade. Em virtude disso, adere compactuantes ao desvio de verbas públicas.

A adulteração das verdades, provocadas pela hegemonia cultural, dissemina procedimentos corruptos e repugnantes, à prática de crimes, como o crime de improbidade administrativa, mas também o abuso de poder, a injustiça entre outros conceitos às noções comumente admitidas pelos indivíduos.

Práticas escabrosas tornam-se verdade quando abonada pelo poder. Verdades estridentes são descartadas quando contrariam interesse público. Quem destoa das autoridades é tido como subversivo e, por isso, deve ser enquadrado na disciplina e na ortodoxia. (Arduini, 2002, p. 60). Neco Pedreira, o personagem jornalista, por exemplo,

foi *condenado à morte* por denunciar a pedagogia astuciosa de Odorico, que pretendia perpetuar uma população marginalizada, passiva e não subversiva.

É certa, evidentemente, a conciliação dessa construção da hegemonia vinculada à corrupção, que se dá no município de Sucupira, e em outros momentos, no decorrer da literatura de Dias Gomes. No terceiro quadro da obra, por exemplo, Odorico, arrebatado pelo desejo de inaugurar o cemitério a todo custo, conta com o auxílio das irmãs Dorotéia, Dulcinéia e Judicéia, para *arrumar um defunto*. A providência tomada foi à hospedagem do primo de segundo grau, Ernesto, em nome do município. O inquilino estava gravemente doente, desenganado pelos médicos, contraia em seu corpo, pneumonia galopante.

Apesar de estar ciente, da auditoria fiscal da oposição, Odorico não titubeou em constituir improbidade administrativa, doando a Ernesto, - sem a estrita observância das normas pertinentes, ainda que para fins assistenciais, - verbas públicas para custear, todas as despesas, os tratamentos médicos, remédios, tudo o que Ernesto precisasse para ser transferido para Sucupira. O prefeito estava convicto de que o *hóspede municipal*, apesar de todo aparato pela administração pública viria a falecer, tornando-se o primeiro defunto que inauguraria o cemitério sucupirano.

A apreciação do cenário de Sucupira leva à relevante conclusão: a corrupção pressupõe a hegemonia, pois é a estratégia da “sociedade controladora adotar essa forma de novo imperialismo para dominar o poder”. (Arduini, 2002, p. 140). Atualmente o controle é sorrateiro. É introjetado na população a dominação ideológica política com o consentimento dos governados, proliferando para outros âmbitos. Estimula-se o anseio pelo fantasioso e ilusório mundo, gera-se a impressão de que aquele candidato, atribuído de propriedades únicas, será a solução para erradicar a injustiça, acabar com o desemprego, resolver a miséria e tantos outros problemas sociais. E a população, em generalidade, é levada às cegas, a reproduzir aquilo que lhe foi idealizado e a defender a verdade implantada, nas urnas.

Em suma, a corrupção se perfaz em um ardiloso processo hegemônico. A saber: à conquista do poder de forma consensual popular, a liderança política e ideológica

exercida por representantes de uma classe, a fim de manter o conformismo, e o poder de forma estável, que resulta em um governo fundamentado em interesses individualistas.

## 5 JUSTIÇA, PODER E O IDEAL DEMOCRÁTICO EM CONTRASTE COM A REALIDADE

Como se pode perceber na literatura de Dias Gomes, uma das grandes preocupações de Odorico era o poder que a oposição apartidária midiática poderia exercer sobre o povo sucupirano. A *trombeta*, a gazeta local do município baiano, era propriedade de Neco Pedreira, um jornalista subversivo que, segundo o Coronel Paraguaçu apresentava-se como um *elemento perigoso*, pois aportava ser um cidadão autoconsciente e autocrítico, capaz de superar as falácias do processo de hegemonia cultural presente no mandato do Prefeito de Sucupira.

Zeca- Seu doutor, como delegado eu tenho que ser justo. Fui lá mesmo com a gana de fazer o moço engolir o que disse. Mas ele me fez sentar e conversar. Me mostrou a lei que garante a ele dizer o que quiser. Lei feita pelos deputados, não sei se vosmincê conhece.

Odorico – Claro que conheço. A lei diz que cada um tem liberdade de dizer e escrever o que quiser, mas diz também que nós temos o direito de sacudir a marreta quando alguém escrever contra nós.

Zeca – Isto não está na lei que o moço me mostrou.

Odorico – Porque o senhor não leu tudo com atenção. (Gomes, 2014, p. 98)

Em busca da própria subsistência individual no campo social e principalmente político, Odorico a fim de se vingar das redações críticas e difamadoras, publicadas nos jornais produzidos por Neco, ordenou que Zeca Diabo, - *ex-assassino sanguinário*, recém-nomeado a delegado de Sucupira, – *vistoriasse e sacudisse a marreta*, em nome da lei e da democracia, o jornal de seu inimigo, a fim de suscitar uma contenda capaz de estimular o delegado a matar o dito cujo.

Neco era um cidadão em potência subjetiva, (consciência, liberdade, responsabilidade) capaz de afirmar-se e de realizar-se; ambos os comportamentos não incitados e nem acolhidos no mandato de Odorico. Wahl escreve: “Todo sujeito subverte aquilo que o precede, faz ruptura e salto” (2007, *apud* Arduini, 2002, p. 22). Por força e capacidade do homem subversivo, os poderosos astutos impedem e sufocam que surjam

toda e qualquer metodologia subversiva, recatando-se de pedagogias ardilosas, massificantes. “A tendência dominante é reduzir a autonomia do ser humano e homogeneizar a sociedade” (Arduini, 2002, p. 69). Em razão disso, é possível depreender dessa cena teatral, a ameaça imposta pelo prefeito, com o intuito de calar a voz do protagonista jornalista e dispersar o protesto, desmanchando a resistência convulsionada capciosamente por Neco.

Apesar do personagem de Zeca Diabo representar um homem sanguíneo, destemido, intrépido, é apresentado, no decorrer do enredo, com a ideologia de um delegado visto como uma *massa de manobra*, um indivíduo que está sendo programado, modificado, superado e submetido pela hegemonia política. Destaca-se, aqui, a importância das reflexões *gramsciana* sobre o valor das ideologias, uma vez que, enquanto historicamente necessárias, (Simmionatto, 2014, p. 70), “[...] as ideologias [...] ‘organizam’ as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam etc.” (Gramsci, 1999, p. 237). Esse procedimento é necessário para promover contradições significativas no modo de ser e de agir dos sujeitos sociais. (Gramsci, 1999, p. 97).

Odorico – (Resmungando, enquanto lê) Patife! Canalha! (Amarrota o jornal violentamente e atira-o ao chão. Põe-se a andar nervosamente de um lado para o outro, e por fim senta-se à sua mesa, parecendo à ponto de ter um colapso).

Dorotéia – (Entra quase marcialmente) Bom dia, senhor prefeito.

Odorico – Bom dia. (Levanta-se de um alto) A senhora já leu a gazeta?

Dorotéia – Ainda não.

Odorico – Esse patifento desse Neco Pedreira me chama de demagogo esbanjador dos dinheiros público... Me xinga de tudo quanto é nome. (Apanha o jornal) Leia à senhora mesma, leia. (Gomes, 2014, p. 24)

A tese da publicidade dos atos do governo por meio da liberdade de imprensa, - que é o exercício de uma função pública - “[...] contribui como remédio contra a imoralidade da política” (Bobbio, 2006, p. 113), circulando informações que visam controlar o abuso de poder e insurgir-se contra os problemas sociais. Rui Barbosa, (1924, *apud* Silva, 2014) afirmou que:

A imprensa é a vista da nação. Por ela é que a Nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o

que lhe ocultam e tramam, colhe o que lhe sonégam, ou roubam, percebe onde lhe alvejam, ou nodoam, mede o que lhe cerceiam, ou destroem, vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que a ameaça. [...] Um país de imprensa degenerada ou degenerescente é, portanto, um país cego e um país mimado, um país de ideias falsas e sentimentos pervertidos, um país que, explorado na sua consciência, não poderá lutar com os vícios, que lhe exploram as instituições.

A difusão da informação, - associação da difusão da cultura subjetiva à atividade política, - promovida por Neco Pedreira, que não se restringia ao poder de Odorico, promovia um novo modo de ser que determinaria uma nova forma de consciência. Ao expor, sem escrúpulos, a conduta ilícita da administração da prefeitura, Neco visava promover a iniciativa e a autonomia intelectual das classes subalternas. Logo, os termos: poder, justiça e corrupção são palavras-chave nesse período de produção intelectual e de intervenção política. Diante do poderio hegemônico, parece devaneio acreditar no levante de seres humanos debilitados pelo poder massificante, para manifestar-se de várias formas a criticidade e a sublevação da consciência.

Entretanto, é imprescindível que a população se oponha à subordinação da injustiça, da corrupção e da hegemonia cultural. É necessário que haja o desenvolvimento de uma sociedade democrática de direito. Para tal, deve-se encontrar a força que mantém a coesão social, - a iniciativa individual - compreendendo a participação que ela tem desempenhado nas várias fases da evolução do direito e da política; o papel que desempenha nos dias atuais, e as possibilidades futuras de iniciativa por parte dos indivíduos e grupos.

Uma sociedade *saudável* e progressista exige tanto controle central como iniciativa individual. (Russell, 1977, p. 79). Sem o papel da individualidade haverá uma estagnação social. O trabalho literário de Dias Gomes apresenta um povo que precisa, tornar-se autoconsciente e autocrítico, para combater os credos reacionários, que têm passado de geração em geração, arruinando a sociedade. A superação às falácias do processo de hegemonia cultural começa com a consciência subjetiva. Em virtude disso, há a necessidade de que o indivíduo, entendido em sua singularidade, reassuma seu papel proativo diante do processo social.

Odorico – [...] Depois da gente ter anunciado aos quatro ventos que a inauguração ia ser com o primeiro enterro, era passar o recibo de inutilidade do cemitério; era dar razão à oposição, que diz que é dinheiro jogado fora. Não, inaugurar campo-santo sem defunto é o mesmo que batizar navio em terra firme. Não tem graça.

Dorotéia – Soube hoje que vão pedir esse tal de impeachment.

Odorico – Já me disseram. Querem votar o meu impedimento. Mas isso eles não vão conseguir. Não vão conseguir. (Gomes, 2014, p. 40)

A mentalidade arcaica de Odorico sustentava que os *injustiçados*, os *excluídos* seriam incapazes de exercer autonomia e poder, a fim de reclamar justiça. Quando a população reivindicava seus direitos, era tida como baderneira, ingrata, e petulante. À guisa de ilustração, pode-se analisar a discussão entre o prefeito Odorico e o personagem Zeca Diabo, - já investido no cargo de delegado, - em dois momentos proeminentes na literatura de Dias Gomes.

Zeca – Seu prefeito?

Odorico – Que é que há? Vocês...

Zeca – Trago aqui uma ordem. (Mostra um papel)

Odorico – De quem?

Zeca – Do Juiz.

Vigário – Não disse?

Odorico – O senhor recebe ordens minhas, não do juiz.

Zeca – É não.

Odorico – Não?

Zeca – Fui falar com o juiz e ele me explicou: esta ordem anula a sua. É lei. (Gomes, 2014, p. 116)

De qualquer modo, uma coisa é certa: a importância em destacarem os litígios de poder, onde existe de um lado, a *autonomia política*<sup>5</sup> de Odorico, que em sua concepção tratava-se de um poder indiscutível, absoluto, um controle político imperialista. Em contrapartida, de outro lado, o poder Judiciário, que se apropria de um posicionamento amparado em lei, para solucionar o conflito social, da classe subalterna, garantindo os seus direitos e fazendo prevalecer os seus valores contra os do adversário.

Sem oferecer âmbito adequado para iniciativa popular, a ferocidade com que Odorico luta para sobrepor seu interesse ao direito do coletivo, é revelada em sua

---

<sup>5</sup> Autonomia política é o poder das entidades de fazer as suas próprias leis sem qualquer interferência externa (Meirelles, 1999)

primeira contenda com Zeca Diabo, que se apresenta como destinatário a solucionar os impasses municipais, competindo-lhe o dever de silenciar e conter as especulações de Neco, - o herege do sistema uniformista criado no mandato do coronel, - de uma vez por todas. Acontece que, devido à efetividade de Neco Pedreira, em combater as ideias preconcebidas por Zeca Diabo, o cangaceiro adquire conhecimento sobre a lei que garante e concede ao jornalista a liberdade de imprensa. O progresso moral e ético faz com que o delegado insurja-se contra a ordenança do prefeito, que se sente desmoralizado e traído pela sua própria *marionete*.

Odorico – Capitão Zeca Diabo, não estou entendendo.

Zeca – É que o moço escreve meio floreado.

Odorico – É isso não. O que eu não entendo é o seu procedimento. O senhor sai daqui pra sacudir a marreta nesse filho duma égua e volta abraçado com ele?

Zeca – É que não havia razão pra sacudir a marreta, seu doutor.

Odorico – Como não havia? Não leu o que ele escreveu ontem de nós?

Zeca – Tá no seu direito.

Odorico – Que direito?

Zeca – Direito que a lei garante. E eu, como representante da lei...

Odorico – Que história é essa, capitão? Então o senhor é representante da lei contra mim?

Odorico – Sabe o que eu acho? Que o senhor virou pamonha.

Zeca – (Sente a ofensa) Não fale assim comigo, seu Dotô-Coroné-Prefeito.

Odorico – O senhor, capitão, não é de nada! Como matador, o senhor é a vergonha da classe! (Gomes, 2014, p. 116-118)

Apesar da realidade intolerável por Odorico, em um segundo momento da literatura, é possível observar o prefeito, novamente, em um embate contra o poder Judiciário. Dessa vez, na tentativa de cumprir a lei que garantia o direito a Hilário, - popularmente conhecido por Coronel Cajazeira, tio das irmãs Cajazeiras, - de enterrar o cadáver de sua sobrinha no mausoléu da família, Zeca apresenta uma ordem judicial que propicia a demanda de Hilário. Não obstante, Dias Gomes, relata uma nova discussão entre o prefeito e o delegado, por não aceitar que uma lei possa limitar o seu poder, mas, principalmente, por não aceitar que alguém de Sucupira possa ter tal conhecimento, a ponto de confrontá-lo. Em virtude disso, Zeca Diabo é demitido e, também, cogita-se a ameaça de que o seu perdão judicial, por todos os crimes cometidos anteriormente, seja anulado, colocando em perigo a liberdade do delegado.

Odorico – Pois se é essa a decisão da Justiça, data vênia, digam ao meritíssimo juiz que não aceito.

Juju – Mas é o Juiz!

Hilário – Você não pode se recusar a cumprir uma decisão da Justiça!

Odorico – Também tenho Jurisprudência firmada sobre o assunto. O defunto é meu e ninguém me Tira!

Hilário – Delegado, a polícia tem que garantir o cumprimento da ordem judicial.

Zeca – Pode deixar.

Odorico – Quem vai garantir?

Zeca – Eu mesmo.

Odorico – E quem é você?

Zeca – O delegado, oxente!

Odorico – (Apanha um papel sobre a mesa) Está demitido. (Gomes, 2014, p. 116 - 117)

A realidade não se distancia da literatura, em generalidade, quem não se distanciar da consciência política e de seus direitos fundamentais, há de resistir à coisificação do confronto ser pessoal. O ser humano, quando se torna subversivo, cai em desuso, e é retirado das prateleiras do mercado e substituído por produtos mais modernos. Seres humanos *onerosos* deixam de ser *úteis* e são removidos pelo serviço de *limpeza pública*. (Arduini, 2002, p. 25-27).

Com uma expressão sintética pode-se dizer que os acontecimentos narrados na obra literária *O bem-amado*, bem como a abordagem realizada nesse tópico, consistem na consagração do Estado Democrático de Direito, advento da democracia política aliada à democracia social. Bobbio (2006, p. 68), pensador político da Itália, fundamenta em sua reflexão:

Uma vez conquistada a democracia política, nos damos conta de que a esfera política está por sua vez incluída em uma esfera muito mais ampla que é a esfera da sociedade no seu todo e que não existe decisão política que não seja condicionada ou até mesmo determinada por aquilo que acontece na sociedade civil. Percebemos que uma coisa é a democratização do Estado (ocorrida com a instituição dos parlamentos), outra coisa é a democratização da sociedade, donde ser perfeitamente possível existir um Estado democrático numa sociedade em que a maior parte das instituições – da família à escola, da empresa à gestão dos serviços públicos – não são governados democraticamente.

A ideia de que todo Estado deva possuir uma Constituição e de que esta deve conter limitações ao poder autoritário e regras de prevalência dos direitos fundamentais,

desenvolve-se no sentido da consagração de um Estado Democrático de Direito (art. 1º, *caput*, da CF/88) e, portanto, de soberania popular. (Lenza, 2015, p. 83). Por conseguinte, é possível inferir que o povo desempenha, de maneira indireta, o título do poder, por intermédio de representantes. A soberania do povo é exercida por sufrágio universal, pelo voto direto e secreto, com valor igualitário a todos, mediante as normas constitucionais do plebiscito, referendo e a iniciativa popular.

O ideal democrático e a realidade vivida em Sucupira não se distanciam da democracia vivenciada pelos brasileiros na atual conjuntura política. A democracia prometida no mandato de Odorico Paraguaçu, não cumpriu a promessa de igualdade e justiça. É uma verdade indiscutível que a democracia no ambiente da pequena cidade fictícia do litoral baiano, serviu como uma máscara de uma autocracia arcaica. O discurso que dissimulou a construção do cemitério local, uma melhoria patrimonial para a cidade, não passou de um meio alienante para se manter no poder, e se tornar *dono* de um município.

“A democracia não goza no mundo de ótima saúde, como de resto gozou no passado, mas não está à beira do túmulo”. Bobbio (2006, p. 19) traz uma análise crítica e reflexiva em sua obra, acerca da democracia, no que se refere ao estilhaçamento sorrateiro do Estado, no qual a esquerda, – democracia parlamentar, – está se transformando, cada vez mais, em um regime autocrático.

A queda do prefeito Odorico, paulatinamente, dá-se pela sua personalidade autocrática e sua metodologia individualista de trabalho. O que culminou, no afastamento de aliados políticos, ex-membros do gabinete municipal e da sua equipe pessoal, muitos dos quais suportaram abusivas humilhações e exorbitantes mentiras.

Odorico – Todos... todos! (Vai até a janela. Ouve-se o jornalista: ‘Vai ler A Trombeta! Odorico matou Dulcinéa para inaugurar o cemitério! Vai ler A Trombeta!’) Todos... (Grita para a rua) não leiam essa gazeta demagoga! Não leiam! Tudo isso é mentira! Caluniamento! (Desamparado) Parece que agora estão todos contra mim! Todos fogem de mim! (Gomes, 2014, p. 124)

O personagem político de Dias Gomes alienou tantas pessoas, desperdiçou o comprometimento e fidelidade de tantos partidários, em parte por esconder suas reais

intenções nos momentos de decisões que se deviam tornar públicas, mas também pelo seu caráter autocrático, egoístico. Depreende-se que o efeito colateral da corrupção presente no governo sucupirano, foi a indisponibilidade de defensores partidários, no momento de maior necessidade de Odorico.

Odorico – Eu nunca podia esperar isso de vocês! Mas não pensem que me entrego facilmente. Vou para as ruas, vou fazer comícios, vou lutar de armas na mão [...]É o direito, é a liberdade, é a civilização cristã que estão em jogo!. (Gomes, 2014, p. 115).

As acusações de que o prefeito manipulou e sufocou *a massa*, por meio da sua hegemonia política, são refutadas por Odorico, que em suas contraposições justifica todas suas atitudes, meramente condizentes com o objetivo de construir o cemitério. Contudo, suas justificativas, não foram suficientes para conter tamanha decepção popular.

Haja vista a manipulação de Odorico, ao passo que tal estratégia é marcadamente fomentada na república brasileira, torna-se saliente que a democracia corre perigo derivado do extremismo de esquerda. O confronto entre o modelo ideal de democracia e a realidade do *Estado Democrático de Direito*, deve ser conduzido tendo a compreensão mínima que por mais sólido ou menos sólido, vulnerável ou invulnerável, corrupto ou incorrupto, que seja o regime político da atual conjuntura, o conceito de democracia ainda não mudou. E a democracia só é válida se todos os cidadãos, e não apenas uma minoria, assumir a forma de governo exigida para alcançar a justiça perpétua. Deve-se provocar nos dominados, o poder que lhes foi atribuído, a tomar decisões vinculatórias para um coletivo, capaz de derrotar por completo o poder autocrático.

“O preço que se deve pagar pelo empenho de poucos é frequentemente a indiferença de muitos. Nada ameaça mais matar a democracia que a ausência de democracia”. (Bobbio, 2006, p. 39). É necessário que aqueles que são capacitados a decidir ou a eleger os que deverão exercer o poder político, deixe de se esconder atrás do conformismo e da acomodação.

Dentre as considerações presentes na literatura de Dias Gomes que repercutem no âmbito de poder, justiça e corrupção, o autor não deixa claro acerca da apatia política.

Contudo, o que se nota no cenário político de Sucupira, não se desprendendo da realidade brasileira, conforme anteriormente já asseverado, é que se a população sucupirana, entendida em sua coletividade, reassuma seu papel proativo diante do processo político, deixando de ser o Müller (2003, p. 65-75) conceitua, em sua obra, como um povo ícone. Ou seja, deveria ser assegurado, no Estado, que cada indivíduo exerceria sua cidadania de maneira ampla e plena, concretizando seus interesses.

Isso posto, interpreta-se, durante toda a extensão da obra, a efetiva participação, no sistema político, que legitimou a democracia, o personagem Neco Pedreira, não apenas pelo fato de ele ser jornalista, mas por representar o indivíduo autoconsciente em reproduzir o seu interesse na fiscalização, implantação, elaboração das políticas municipais. De forma mais abrangente, Müller conceitua tal desempenho como de povo ativo. (2003, p. 55-65).

Partindo da perspectiva de Chauí, (1995, p. 71-84), o desenvolvimento efetivo e pleno do cidadão culmina na fruição, experiência, informação e participação da personalidade social. Seja por intermédios constitucionais, seja por vias de organização popular, como, por exemplo, a manifestação coletiva. Portanto, infere-se que o exercício pleno da cidadania, é convencionado ao povo ativo que semelhante a Neco, por meio de sua gazeta *A Trombeta*, - não se descarta a possibilidade de outros recursos e espaços urbanos para exercer a cidadania, - viabilizou a integração social no âmbito político. Em suma, é entendido que o povo ícone (Müller, 2003, p. 55-75), não é condicionado desconstruir a ideologia autoritária e a política antidemocrática, para bem desenvolver-se como cidadão protagonista, devido a ausência da cultura política.

Conforme assevera Arduini (2002, p. 47), “[...] a sociedade que garante os direitos humanos a todos, que efetiva a justiça social e respeita o valor das pessoas é uma sociedade avançada.”. Entretanto, a civilização que ainda permanece conivente mediante a desigualdade injusta e outros retrocessos desumanizantes, que privilegiam os ricos e espoliam pobres, por exemplo, é uma sociedade atrasada. O avanço é marcado, pelo Estado Democrático de Direito, pela sociedade em geral que consegue usufruir de uma vida com dignidade humana, a coesão social atrelada à justiça.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PODER, CORRUPÇÃO E A SOCIEDADE POLIFÔNICA

Compreender a sociedade polifônica é desenvolver a metodologia de uma pluralidade de interesses, *dar voz a muitas vozes*, a muitas ideias. Significa viabilizar na sociedade em geral, a comunicação urbana, a fim de proporcionar um convívio mais democrático. Com um estilo refinado e envolvente, o antropólogo, Canevacci (2004, p. 137), compara a sociedade a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se isolam, se contrastam, se cruzam, sobrepõem-se umas às outras, ou relacionam-se entre elas. O filósofo e pensador russo, Mikhail Bakhtin, (1999, *apud* Rombauer, 2016) ressalta que "[...] é preciso reconhecer que várias vozes falam simultaneamente, sem que uma entre elas seja preponderante e julgue as outras". Não seria esse o sentido polifônico para a construção de uma Democracia?

O que distingue o poder democrático do poder autocrático é a crítica livre da *liceidade* de expressão dos diversos pontos de vista, podem-se desenvolver em si mesmo os *anticorpos* e permitir formas de *desocultamento*<sup>6</sup>. (Bobbio, 2006, p. 116). É tempo de suscitar uma população ativa, incrédula que não acredita em propostas mascaradas.

Na vida das pessoas, há fontes estuantes, apelos transcendentais, sofrimentos submersos, mágoas caladas, angústias soterradas, aspirações desfolhadas, injustiças indigestas, protestos reprimidos, palavras engasgadas, conflitos dilacerantes. Tanta música não tocada. (Arduini, 2002, p. 48)

A política recorre, muitas vezes, à pedagogia do medo para silenciar as pessoas e submeter o povo para dominar rebelados e sufocar aspirações. Há setores que vetam movimentos legítimos com a ameaça de represálias.

Setores corruptos associam-se para impedir que a verdade seja revelada. É preciso denunciar essa pedagogia desonesta, pois criminosos engravatados chegam a queimar a verdade dos *arquivos vivos*. Nada mais trágico do que estrangular a verdade. O espírito

---

<sup>6</sup> Precisamente é a denúncia de escândalos, ou melhor, a denúncia de ações realizadas sem caráter público que, uma vez tornadas públicas, suscitam escândalo. (Bobbio, 2006, p. 116)

crítico impede que a sociedade seja pescada por iscas aliciadoras. População crítica resiste a farsas.

Todas essas ponderações que foram desenvolvidas no decorrer deste artigo foram postas em questão, em virtude da atual crise econômica e política do Brasil. Não há como ser contra a política, é necessário que esta seja construída de modo justo e responsável, a fim de promover um Estado Democrático de Direito, e não uma sociedade cuja herança cultural corrompe os princípios de uma civilização, cujo regime político é a democracia.

### REFERÊNCIAS

- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de Hegemonia em Gramsci: de Laclau a Mouffe. *Lua Nova*, São Paulo, 80, p.71-96, 2010.
- ARDUINI, Juvenal. *Antropologia: ousar para reinventar a humanidade*. São Paulo: Paulus, 2002. 171p.
- BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia*. São Paulo: Paz e Terra, 2006. 172p.
- BRASIL. *Constituição Federal*. 7. ed. Curitiba: Manole, 2015.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 2004. 262p.
- CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 9, n. 23, p. 71-84, jan-abr. 1995.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2007. 103p.
- COGGIOLA, O. 10 anos de governo PT – Frente Popular. 2013. Disponível em: <[www.marxismo21.org/10-anos-de-governos-do-pt-natureza-de-classes-e-neoliberalismo](http://www.marxismo21.org/10-anos-de-governos-do-pt-natureza-de-classes-e-neoliberalismo)>. Acesso em: 20 jul. 2016.
- GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere: volume 1*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1999. 496p.
- GOMES, Dias. *O bem-amado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. 120p.
- GREENE, Robert. *As 48 leis do poder*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. 458p.
- LENZA, Pedro. *Direito Constitucional: Esquematizado*. São Paulo: Editora Saraiva, 2015. 1560p.
- LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. São Paulo: Ática, 2009. 688p.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010. 232p.

MEIRELLES, Hely Lopes. *Direito Administrativo Brasileiro*. São Paulo: Malheiros Editores, 1999. 733p.

MORAES, Denis de. Hegemonia e contra-hegemonia cultural: a contribuição teórica de Gramsci. *Revista Debates*, Porto Alegre, v.4, n.1, p.54-57, jan-jun. 2010.

MÜLLER, Friedrich. *Quem é o povo?* A questão fundamental da democracia. São Paulo: Max Limonad, 2003. 132p.

ROMBAUER, E. Democracia polifônica. *Página22*. Seção Mosaico. São Paulo, 3 jun. 2016.

RUSSELL, Bertrand. *A autoridade e o indivíduo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977. 110p.

SILVA, M. F. L. Rui Barbosa, crítico da imprensa. *Observatório da imprensa*. Seção Jornal de debates. São Paulo, 30 set. 2014.

SIMIONATTO, Ivete; COSTA, Carolina Rodrigues. Estado e políticas sociais: a hegemonia burguesa e as formas contemporâneas de dominação. *Rev. Katál*, Florianópolis, v.17, n.1, p.68-76, jan-jun. 2014.